

FLUXO E A POÉTICA DO FAZER

É com a premissa do diálogo interdisciplinar que a *Revista ContraCorrente*, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA), apresenta esta edição dedicada à temática **“Festas populares e religiosas: mestras e mestres da cultura e seus processos de criação”**. Entendemos que as manifestações populares e religiosidades não são meros objetos de contemplação folclórica atados a um passado imutável, mas sim complexos sistemas de produção de sentidos e subjetividades que emergem das dinâmicas sociais da nossa região e além.

Neste dossiê, o foco incide sobre o protagonismo das mestras e mestres da cultura popular, detentores de saberes tradicionais que atuam como intelectuais orgânicos de suas comunidades, operando processos de criação que tensionam as fronteiras entre o sagrado e o dionisíaco, o ancestral e o contemporâneo. Deste modo, não compreendemos essas mulheres e homens como relíquias de um passado estático, mas como agentes dinâmicos que operam no cruzamento entre memória e contemporaneidade. O “saber” dessas pessoas não reside apenas no objeto final, mas sim no processo criativo, uma práxis que une o corpo, o espírito e o território.

Aprofundar o olhar sobre esses sujeitos exige reconhecer que seus processos criativos são, em seu cerne, atos de resistência. Ora, em um cenário de globalização massificadora, a mestra que organiza um festejo de santo e o mestre que talha um tambor ou entoa uma canção antiga estão manejando tecnologias sociais complexas que os artigos e relatos de experiência aqui reunidos registram e discutem. Ao investigar seus “modos de fazer”, os textos buscam dar visibilidade a epistemologias que muitas vezes correm à margem dos circuitos acadêmicos convencionais — uma postura fiel à nossa linha editorial de “nadar contra a corrente” dos discursos hegemônicos. Então, vejamos:

O AMAZONAS TAMBÉM É PRETO: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A EMERGÊNCIA DOS QUILOMBOS NO ESTADO DO AMAZONAS, Edicleuza Costa Ribeiro e Alfredo Wagner Berno de Almeida, desconstrói, com base nos discursos presentes em fontes como reportagens midiáticas, a invisibilidade histórica da população negra na região, analisando a emergência política dos quilombos e a luta pelo reconhecimento territorial. O estudo destaca que a afirmação dessas comunidades é

uma resposta à resistência histórica, consolidando a identidade negra na Amazônia como parte fundamental da história.

A POESIA NAS LETRAS DAS TOADAS DOS BOIS-BUMBÁS DE FONTE BOA-AM, de Ivanaldo Sales Ponds e Kenedi Santos Azevedo, é uma reflexão sobre a produção líteromusical dos bois-bumbás Corajoso e Tira-Prosa, da cidade de Fonte Boa, interior do Amazonas, representantes de uma das expressões poéticas mais ricas do Médio Solimões. A lírica dessas composições transcende o simples entretenimento, consolidando-se como um gênero literário e musical que articula memória, território e estética amazônicas. Seus discursos representacionais estabelecem uma “tecitura poética” que desloca o olhar sobre a região: da exatidão geográfica para os processos criativos dos poetas caboclos.

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA COLETIVA AMAZÔNIDA: COLONIALISMO E AMAZÔNIA, de Keitte Helen de Lima Peixoto e Pedro Henrique Coelho Rapozo, a partir de narrativas produzidas pelos próprios atores sociais, tecem um ensaio crítico sobre o processo contínuo de “Re-existência”, moldado pelo Quilombo urbano de São Benedito, em Manaus/Am, assim como a construção de um pensamento quilombola que suscita questão de pertencimento, sociabilidade e fortalecimento do patrimônio cultural local.

ARTESANIA TEFEEENSE: A TECITURA DE PANEIROS COMO TRABALHO E ARTE, de Nanda de Albuquerque Freitas e Yomarley Lopes Holanda, é fruto da pesquisa de TCC, defendido no curso de História da UEA/CEST, e discute a produção de cestos, paneiros e tipitis em Tefé, interior do Amazonas como uma conexão entre saber ancestral, identidade cultural e subsistência econômica ribeirinha. O trabalho destaca os trançados de cipó e palha não apenas como utensílios funcionais de carga, mas como expressões artísticas de poética visual que preservam a memória tefeense.

AS PASTORINHAS COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO CULTURAL: UM RESGATE MEMORIALÍSTICO, de Guataçara da Silva Ferreira, Núbia Litaiff Schwambom e Thaila Bastos da Fonseca, trata da manifestação cultural das Pastorinhas como um elemento crucial de formação cultural tefeense. Embora esteja em pleno processo de “esquecimento”, ela ainda atua fortemente na configuração da memória social e afetiva das pessoas que participaram de suas apresentações natalinas. Com base em relatos de antigas brincantes, as autoras realizam uma espécie de “resgate memorialístico”, utilizando as ferramentas metodológicas da história oral. Assim, o bailado tradicional das Pastorinhas emerge como resistência e expressão da identidade cultural de Tefé.

DILEMAS E RESISTÊNCIAS DO SER RIBEIRINHO: UMA ANÁLISE SOCIO-CULTURAL NO MÉDIO SOLIMÕES, de Deize Martins França e Nelissa Peralta Bezerra, faz uma análise sociocultural com base em pesquisa etnográfica na comunidade rural do Borázinho, localizada às margens do Rio Solimões, próxima à Tefé/Am, desvelando as dicotomias e contrastes de um modo de vida pautado na interdependência com o ciclo das águas, enfrentando dilemas como invisibilidade social e ausência de políticas públicas. A resistência dessas populações manifesta-se através de práticas sustentáveis e forte organização comunitária que exaltam os saberes tradicionais.

A UNIVERSIDADE NA FLORESTA: FORMAÇÃO, RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO DE MULHERES RIBEIRINHAS NO INTERIOR DO AMAZONAS, de Deize Martins França e Nelissa Peralta Bezerra, discute o papel da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em Tefé (CEST), desde a sua criação e processo de interiorização, bem como destaca seu papel no empoderamento de mulheres ribeirinhas na região do Médio Solimões, configurando-se enquanto espaço decisivos para a construção da cidadania e valorização dos saberes amazônicos.

FESTA E DEVOÇÃO: A CONFECÇÃO DO MANTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO EM PARINTINS, NO AMAZONAS, de Rosimay Corrêa e Leona Souza Piraice, desvela o processo de confecção do manto de Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Parintins/Am, realizado durante cerca de 23 anos pela mesma artesã e costureira parintinense. Do trabalho dessa mestra popular emerge uma profunda expressão de fé, devoção e identidade cultural, unindo confecção detalhada e promessas religiosas na maior manifestação religiosa do Baixo Amazonas. O texto destaca ainda o manto como um símbolo sagrado que, através de bordados e materiais específicos, materializa a identidade parintinense e a proteção divina.

CARNAVAL DE CONGO DE MÁSCARAS DE RODA D'ÁGUA: JOÃO BANANEIRA NUM CAMINHO DE RESSIGNIFICAÇÕES, de Ana Carla Ferreira dos Santos, O Carnaval de Congo de Roda d'Água, em Cariacica (ES), é um recorte importante da tese de uma pesquisa doutoral que se propõe a apresentar a dinâmica de uma festa, a partir do território de Roda D'água, no município de Cariacica (ES). A análise de centra na figura do João Bananeira, um personagem inserido no Carnaval de Congo de Máscaras que evoluiu de um disfarce de resistência histórica para um ícone do patrimônio cultural capixaba. Evidencia-se que a preservação da memória dessa manifestação é uma fonte de conhecimento da própria história do Brasil, em uma perspectiva decolonial.

DO POVO E PARA O POVO: RELIGIOSIDADE E CULTURA POPULAR NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE SANTA CRUZ DE GOIÁS, de Paula Márcia Lázaro

da Silva Maria Helena de Paula, analisa a Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás, manifestação que congrega há mais de dois séculos fé, memória coletiva e identidade comunitária. Utilizando uma abordagem com base etnográfica e fundamentada nos estudos da linguagem, da cultura e da memória, o trabalho foca nos processos de resistência e reafirmação identitária da comunidade, bem como na manutenção de tradições como a Folia, o Batuque e as Cavalhadas.

DO ESPAÇO URBANO AO TEMPO SUSPENSO: PARINTINS, CARNAVAL E AS CIDADES EM FESTA, de Camila Wielmowicki Uchoa, discute, a partir do relato autoetnográfico como jurada do 57º Festival Folclórico de Parintins, o poder das festas populares como o Carnaval e o Festival de Parintins, enquanto experiências coletivas que reorganizam o espaço urbano e a rotina das pessoas, transformando as cidades em palcos de catarse coletiva. O conceito central abordado é o de “tempo suspenso”, onde a rotina produtiva dá lugar à celebração, evidenciando as contradições entre a espetacularização e a reconfiguração espacial.

COSMOLOGIA, DIVERSÃO E ENGERAMENTO NA BRINCADEIRA DE BOI-BUMBÁ EM PARINTINS, NO AMAZONAS, de Yago Pereira da Silva e Rosimay Corrêa, fruto de um projeto de iniciação científica, o artigo analisa o Item 10 do Festival Folclórico de Parintins: Boi-bumbá Evolução, cuja performance envolve gestos e movimentos de um boi real. O aporte metodológico é oriundo das Ciências Humanas e Sociais, num diálogo interdisciplinar, reconhecendo a criatividade do artista parintinense e enfatizando seu mergulho na cosmologia amazônica.

A TECITURA POÉTICA DAS CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS (1988), de autoria de Arthur Figueira do Nascimento e Yomarley Lopes Holanda, discute a poética desse disco regional icônico que traz clássicos como “*Amazonas*” e “*Amazonas Morena*”, sob a ótica da simbiose homem-natureza – letras que não descrevem a floresta como cenário, mas como extensão do corpo. A análise dos autores postula que nas canções do disco há uma personificação do ecossistema — o rio que tem veias, a mata que tem voz. O caboclo (poeta/ouvinte) surge como elo poético que traduz os silêncios da selva.

“GARANTIDO POR TODA VIDA”: UM ESTUDO FOTODOCUMENTAL SOBRE A INVISIBILIDADE ARTÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO DE BOI-BUMBÁ EM PARINTINS, de Daniel Silva Brandão, analisa o processo de construção artística do espetáculo cultural “Garantido por toda a vida”, apresentado pelo boi-bumbá Garantido, no 56º Festival Folclórico de Parintins. Por meio da abordagem fotodocumental, o texto destaca o protagonismo dos artistas e trabalhadores invisibilizados que elaboram e produzem o espetáculo de arena, aliando saberes tradicionais e práticas coletivas que sustentam a magnitude do evento.

CÍRIO FLUVIAL, CAMINHOS DE FÉ E MEMÓRIA: A FESTIVIDADE DE SANTANA EM ÓBIDOS (PA), de Lidna Lima de Souza Lafayete, apresenta a cena religiosa e popular da festividade em honra à padroeira Sant'Ana, na cidade de Óbidos, interior do Pará, uma das expressões mais singulares da religiosidade amazônica, tendo no Círio Fluvial o seu ápice estético e simbólico. Diferente dos círios terrestres, a procissão fluvial de Óbidos ressignifica o cotidiano ribeirinho. O barco, ferramenta de trabalho e transporte, torna-se espaço do sagrado. O deslocamento das embarcações engalanadas desenha uma cartografia de devoção e pertencimento que conectam as comunidades rurais ao centro urbano, reafirmando o rio como o cordão umbilical da identidade obidense.

ENTRE A FÉ E A VIOLAÇÃO: A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NA TOADA “OLHAR DE CURUMIM”, de Fernanda Victoria de Castro Paulino e Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto, reflete sobre o processo histórico de evangelização dos povos indígenas no Brasil, compreendido como uma das mais duradouras formas de violência simbólica e apagamento cultural. A toada “Olhar de curumim” (2025), do boi Garantido de Parintins é analisada enquanto expressão artística e espaço de resistência simbólica de denúncia contra os impactos da catequese na identidade indígena. A obra confronta a lógica colonizadora e valoriza a memória, a infância indígena e a ancestralidade.

ENTRE A DEVOÇÃO E A FÉ CABOCLA: A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO FESTEJO DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE NO MUNICÍPIO DE FONTE BOA/AM, de Almeno Júnior Costa de Moraes e Tenner Inauhiny de Abreu, discute, com base em pesquisa documental e vivências sociais dos autores, o Festejo de Nossa Senhora de Guadalupe, realizado anualmente na cidade de Fonte Boa, interior do Amazonas, enquanto evento tradicional e religioso que atua na construção cultural da identidade fonteboense

JUVENTUDES NEGRAS CAPIXABAS: UMA AUTOETNOGRAFIA NO BEKOO DAS PRETAS, de Marcos Sales Bezerra, apresenta uma autoetnografia sobre os efeitos dos dramas vividos pelas juventudes negras em Vitória (ES), se atendo às categorias de territorialidade urbana, raça e subjetividade. Ao utilizar tal recurso metodológico, o autor deixa de ser um observador externo para se tornar o próprio sujeito da narrativa, validando sua vivência na construção de futuros possíveis. O coletivo “Bekoo das Pretas” é analisado como um espaço afrocentrado de acolhimento, criatividade e resistência, onde as juventudes negras tecem lutas coletivas ancoradas na ancestralidade que são capazes de gerar acontecimentos transformadores.

A PERMANÊNCIA DE TRADIÇÕES PAGÃS E MEDIEVAIS NAS FESTAS JUNINAS BRASILEIRAS, de Francisco Henrique Oliveira Moura Roseli Bastos Almeida

Mateus, investiga as raízes históricas e simbólicas das festas juninas brasileiras enquanto ressonâncias de tradições pagãs e medievais. A partir de uma abordagem interdisciplinar, o estudo demonstra como os rituais agrários e de fertilidade foram ressignificados pela Igreja Católica e transportados para o Brasil. O trabalho propõe ainda o uso dessas manifestações como instrumentos didático-pedagógicos.

SANTO E ORIXÁ: RELIGIOSIDADE, SINCRETISMO E TENSÕES NO CARNAVAL E DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO, de Mangabeira Mangabeira e Helenise Guimarães, analisa, a partir do caso concreto de uma alegoria da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, do Rio de Janeiro, que no carnaval de 2017 foi impedida de retornar à Sapucaí no desfile das campeãs, a complexa relação e tensões entre a religiosidade afrobrasileira e as diversas instâncias e discursos sociais que permeiam aquele evento.

MÍDIA CULTURAL E RESISTÊNCIA: COMO A CONSTRUÇÃO DAS LETRAS DAS TOADAS DO BOI GARANTIDO PODEM COMUNICAR A IDENTIDADE QUILOM-BOLA AMAZONENSE, de Hanna Beatriz Ferreira da Silva, investiga como as letras das toadas do boi Garantido, de Parintins, que defendeu a temática “Boi do povo, boi do povão” (2025), atuam na mídia cultural no sentido de comunicar uma identidade amazonense plural, sobretudo, celebrando as raízes indígenas, caboclas e quilombolas. Segundo a autora, exemplos disso são as obras “Povo negro da Amazônia” e “Quilombolas da Amazônia”, que desafiam a visão eurocêntrica construída sobre a Amazônia e seus povos originários.

Convidamos os leitores a percorrerem estas páginas como quem atravessa um cortejo: atentos às polifonias, às cores e, sobretudo, à profundidade acadêmica e humana de quem mantém viva a chama da cultura popular. **O RAP COMO CANAL FOLKMIDIÁTICO NO LETRAMENTO IDENTITÁRIO EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS DE MANAUS/AM**, de Gabriel Ferreira Fragata, Bruno Marques, Camily Nicolay Oliveira, Esther Nobre, Maria Júlia Corrêa, Eduardo Gustavo Campos e Victória Dias, analisa o impacto do RAP como canal folkmediático que impulsiona o letramento identitário em Manaus/Am. A partir de uma metodologia interdisciplinar e dos pressupostos da teoria folkomunicacional, os autores analisam as letras das canções, com o objetivo de situar o cenário de luta dos grupos marginalizados da periferia manauara, assim como descentralizando esta produção cultural do eixo Rio-São Paulo.

AS MEMÓRIAS ESQUECIDAS DE MAMURETEU: HISTÓRIAS E RESSENTIMENTOS DE UM REZADOR, de Walter Braga da Silva e Geraldo Jorge Tupinambá do Valle, analisa as memórias narradas de José Milton (Mamureteu), um indígena

urbano, sob a ótica da crítica da filosofia do progresso e dos preconceitos enfrentados. A metodologia pautada em uma crítica decolonial, se ampara nos relatos orais e autobiográficos de Mamureteu, enveredando pelas suas vivências e experiências diante de uma sociedade contemporânea profundamente marcada pela construção de estereótipos sobre os povos indígenas.

O SAGRADO NA RUA: CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE EM SANTOS DE CASA, de Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, analisa a obra “Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia”, de Luiz Antônio Simas, que desvela poeticamente um Brasil profundo, marcado pelo entrelaçamento entre o sagrado e o profano numa profusão de gestos, cheiros, palavras, sabores e vozes. A análise do autor sobre a religiosidade popular brasileira destaca menos um sistema coeso e mais uma concha de retalhos, costurada ao longo do tempo e por diferentes mãos.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda